

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

**FEITICEIRAS, HISTÉRICAS, ELAS: O PERCURSO DO FEMININO
PARA ALÉM DOS DISCURSOS ¹**

Karine de Fátima Chiericato*

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise do percurso do feminino na ordem simbólica a partir da perspectiva da História e da psicanálise. O objetivo central é compreender como a construção social e histórica do feminino molda as mulheres e as insere em posições específicas no discurso social. A pesquisa analisa a construção do feminino na Idade Média, simbolizada pela figura da feiticeira. Em seguida, apresenta a feminilidade a partir da teoria psicanalítica de Freud, traçando um caminho para que a questão da feiticeira ou da mulher histérica possa ser apresentada como busca pela compreensão do feminino e de como ele foi e tem sido representado. Nesse sentido, expõe-se como possibilidade o discurso da histérica como denúncia de um furo no Discurso do Mestre. A partir desse furo abrem-se possibilidades à subjetividade feminina para além dos discursos que aprisionam nos termos tênues da linguagem.

Palavras-chave: Feminino. Feiticeira. Histérica. Discurso. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A linguagem é anterior à formação do indivíduo localizando-o em posições diversas na ordem simbólica. Ao nascer, a criança já é determinada como homem e mulher a partir dos significantes atribuídos a ela. Antes que se torne sujeito ela já está posicionada como homem (masculino) ou mulher (feminino) conforme sua constituição anatômica. Sendo assim, a constituição do sujeito se dá por imposição do discurso, de acordo com as construções estabelecidas para aquele indivíduo que possui pênis e para aquele que não o possui. O masculino e o feminino se vinculam à lógica fálica, que organiza a

¹ TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

* Graduada de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC). E-mail: 231-002090@aluno.unipac.br.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

compreensão desses termos de presença ou de ausência do falo, atribuindo um papel estruturante a esses conceitos no campo simbólico tanto de homens quanto de mulheres (Carneiro e Lazzarini, 2014).

A questão que se coloca a partir dessa exposição é sobre a posição do feminino e a possibilidade da mulher se constituir como subjetividade para além de um discurso que para ela constrói parâmetros.

Este artigo consiste numa revisão da literatura de estudos sobre a teoria psicanalítica e as construções históricas relacionadas à posição do feminino. Conforme Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica possibilita a identificação e interpretação de contribuições teóricas de diversos autores, permitindo um aprofundamento no tema investigado.

A pesquisa traçou um viés no discurso de poder político e intelectual dominante que influenciou a sociedade ocidental num recorte da Idade Média até o período da contemporaneidade. Propõe-se, como objetivo geral, apresentar o percurso do feminino na ordem simbólica do discurso apontando para o que está além dele a partir dos referenciais da psicanálise, utilizando as teorias de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Os objetivos específicos deste estudo são: contextualizar o papel da mulher na sociedade ocidental a partir da perspectiva histórica de Jean Delumeau, focando na construção do medo da mulher como forma de domínio; expor a teoria de Freud sobre a feminilidade como tentativa de responder sobre o que é a mulher; analisar as contribuições de Lacan, especialmente sobre a teoria dos discursos do mestre e da histérica; apresentar a posição feminina como *furo* no discurso do mestre, conforme a teoria psicanalítica de Lacan.

Os principais autores e obras que fundamentam este estudo incluem: Sigmund Freud, com textos como *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), *Sexualidade feminina* (1932) e *A Feminilidade* (1933), analisando suas concepções sobre o desenvolvimento psicosssexual e a complexidade da identidade feminina; Jacques Lacan, com conceitos apresentados em *O Seminário, Livro XVII: O avesso da Psicanálise* e *O Seminário, livro XX: Mais,*

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

ainda sobre as estruturas dos discursos e o não-lugar do feminino; Serge André, com sua obra *O que quer uma Mulher?* contribuindo com a discussão sobre o conceito de mulher na leitura psicanalítica e Jean Delumeau que, com o livro *História do Medo no Ocidente*, fornece uma contextualização histórica sobre a posição da mulher na sociedade ocidental.

Essa posição histórica da mulher está desenvolvida no primeiro capítulo a partir do significante *feiticeira* que produz o medo nos homens na Idade Média. A imposição do discurso dominante - a Igreja - trouxe a morte para a feiticeira, impondo às mulheres uma posição única do feminino conforme o modelo da Virgem Maria. Esse modelo tornar-se-ia o ideal burguês da Idade Moderna. No segundo capítulo, o significante *histérica* fura o discurso na contemporaneidade que se apresenta ineficaz para abranger todas as mulheres. A teoria psicanalítica freudiana se apresenta como possibilidade de articulação sobre a feminilidade a partir da posição fálica. No terceiro capítulo, o feminino na teoria lacaniana é apontado no discurso da histérica como denúncia de um *furo* no discurso do mestre. No quarto capítulo esse *furo* no discurso expõe a questão feminina sobre sua posição como objeto na produção do saber dos homens. Questiona-se sobre se a posição imposta na linguagem abre a possibilidade para se pensar a subjetividade da mulher para além do discurso.

1. O FEMININO DE SATÃ

A questão sobre o lugar que a mulher ocupa ou se acredita que ela deva ocupar numa estrutura social é uma questão que perpassa os discursos que regem a organização política e cultural desde os primórdios de uma sociedade regida por princípios pré-científicos. O percurso do feminino, num recorte histórico no período da Idade Média, tem seus reflexos na organização da Idade Moderna e, conseqüentemente, na contemporaneidade. De feiticeira à histérica (ou louca) a mulher é aquela que é colocada em alguma tentativa de

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

significação; porém, não se encontra um só sentido que dê conta dela. A psicanálise possibilita discussões sobre essa posição ou imposição do feminino abrindo novas possibilidades para a questão: o que é a mulher?

Nesse propósito, utilizamos a obra *História do medo no Ocidente*, de Jean Delumeau (1989) para apresentar possíveis caminhos para as resultantes atuais da posição da mulher. Em seguida, abordamos os pontos traçados pela psicanálise freudiana e lacaniana sobre esse tema na tentativa de responder ou, pelo menos, colaborar para que a posição do feminino seja revisitada, revista e respeitada em sua alteridade.

Delumeau (1989), na obra acima citada, aborda o impacto do medo coletivo na construção social e cultural das sociedades europeias entre os séculos XIV e XVIII. Ele afirma que alguns medos são comuns em várias sociedades a partir de experiências ancestrais e que foram utilizados como forma de poder e manipulação pelo Estado e pela Igreja. Um dos medos narrados historicamente é o medo referente ao feminino. Delumeau (1989) examina como o medo foi instrumentalizado para moldar as percepções e o papel das mulheres na sociedade. Ele argumenta que a imagem da mulher como bruxa, pecadora e sedutora foi construída e perpetuada pelo medo e pela necessidade de controlar a mulher. Durante a Idade Média e a Renascença, o medo da figura representativa do feminino estava intrinsecamente ligado à demonização das mulheres. A figura da feiticeira surgiu como um arquétipo contraditório que, ao mesmo tempo, enaltecia a força feminina e a colocava sob a lente da suspeição e do controle. Delumeau (1989) observa que o medo do misterioso lugar feminino levou à criação de mitos que, ao enaltecer certas qualidades, limitavam a autonomia e reforçavam estereótipos de gênero.

A caça às feiticeiras na Idade Média na Europa Ocidental não foi por acaso. Mulheres foram consideradas agentes perigosas de Satã, reconhecidas não apenas por homens da Igreja, mas também por aqueles que tinham influência social. Esse movimento de divulgação aconteceu em “uma época em que no entanto a arte, a literatura, a vida da corte e a teologia protestante



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

pareciam levar a uma certa promoção da mulher” (Delumeau, 1989, p. 310). A Igreja Católica junto ao Estado tentava conquistar novamente seu poderio - mantido pelo medo. Sendo assim, o discurso apresentado é de que tudo o que se aproxima e valoriza a mulher está diretamente ligado a Satã. A origem do medo da mulher parecia estar associada à narrativa religiosa da mordida da maçã proibida (Delumeau, 1989).

Pires (2016) afirma que o livro bíblico de Gênesis fundamenta a necessidade de submeter a mulher ao poderio do homem porque foi ela quem levou o homem a pecar e a perder o paraíso e a união com Deus. O esforço para que se estabelecesse a diferença de gêneros, sobrepondo o homem à mulher, não era apenas relacionado à Igreja, mas também à aristocracia conservadora. Os papéis e os espaços ocupados por cada gênero deveriam ser instituídos para garantir a posição de submissão da mulher em relação ao homem.

A subserviência da mulher se justificava como punição por ter trazido o pecado ao mundo. Por causa da sedução da mulher, Adão comera o fruto proibido. Coube à mulher a culpa pela desobediência à ordem divina (Pires, 2016).

Adão e Eva estavam destinados a passar suas vidas usufruindo do Paraíso no Jardim do Éden. Uma vida tranquila, sem preocupação, sem problemas e sem conhecimento da dor e do mal. Entretanto, devido à desobediência de Eva, essa existência paradisíaca tem fim (Pires, 2016, p.134).

Altoé (2018) aponta que na constituição da doutrina católica no período medieval havia duas versões históricas para se abordar a mitologia da criação dos seres humanos, personificados por Adão e Eva. Uma delas afirmava a criação simultânea de ambos e a outra apresentava Eva como uma derivação do homem. A versão oficializada pela Igreja foi a de tradição jeovista - baseada nos escritos bíblicos do Pentateuco - em que o homem foi criado à semelhança de Deus e Eva criada da costela do homem, isto é, como complemento dele.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Por esse motivo, justificava-se o tratamento da mulher como secundária ao homem.

Ao utilizar da narrativa mítica de alguns livros da Bíblia para justificar a submissão de gênero, a Igreja apresentava o modelo de Maria, mãe de Jesus, como o ideal a ser seguido pelas mulheres. Ao viver conforme a liberdade e desejos humanos, as mulheres estariam seguindo o exemplo de Eva e, dessa forma, não conseguiriam servir à Igreja. As mulheres deveriam buscar a santificação feminina no modelo de Maria. Portanto, pode-se afirmar que o gênero feminino se entrelaçava entre pecadora e santa, culpada e vítima (Pires, 2016).

Nesse sentido, os textos, discursos e sermões, produzidos em grande medida por clérigos e homens religiosos, ou pelo menos influenciados por eles, situavam a mulher em funções e espaços distintos, alternando sua imagem entre a pecadora, descendente de Eva, e a santa, numa clara analogia à Virgem Maria, que servirá como modelo de conduta às mulheres que almejam abandonar os resquícios da Eva primitiva (Pires, 2016, p.130).

Delumeau (1989) aponta que a Igreja apresentou Maria como a mãe preservada da violação do pecado, sendo considerada pura e diferente de todas as mulheres. A figura da Virgem Maria foi introjetada na sociedade de forma que as mulheres deveriam se posicionar na tentativa de seguir esse modelo. O modelo a ser almejado pelas mulheres representava servidão, resignação, castidade e obediência. A Virgem Maria seria o modelo ideal de mulher como mãe e esposa zelosa. Assim sendo, a mulher que vivia em sua liberdade e que buscava viver seus desejos era a cortesã, a impura, a mulher envolvida com Satã. Nos tempos modernos, a louca ou a histérica.

Conforme Delumeau (1989), as atitudes do homem acerca da mulher demonstravam ser contraditórias. Havia a ambiguidade entre atração e repulsão que os homens tinham por elas. A mulher parecia despertar a agitação no homem não só porque ela parecia ter o controle sobre sua sexualidade, mas também porque o homem a enxergava como insaciável,



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

como um ser de desejo que não se satisfaz completamente e que precisava ser constantemente alimentado, sempre faminto e ávido por mais prazer. A mulher seria fatal para ele, impedindo-o de ser ele mesmo, de realizar sua espiritualidade e de encontrar o caminho para sua salvação. Seja como esposa ou amante, ela poderia aprisioná-lo.

Delumeau (1989) expõe que esse pensamento pode ser atestado num documento da Igreja *De planctu ecclesiae*, redigido pelo franciscano Álvaro Pelayo, em 1330, onde se encontram instruções que denotam essa dificuldade do homem para com a mulher, transferindo para ela a responsabilidade pelos seus desejos:

Ela atrai os homens por meio de chamarizes mentirosos a fim de melhor arrastá-los para o abismo da sensualidade. Ora, não há nenhuma imundície para a qual a luxúria não conduza (...). Fundamentalmente cortesã, gosta de frequentar as danças que acendem o desejo. Transforma o bem em mal, a natureza em seu contrário, especialmente no domínio sexual (Pelayo *apud* Delumeau, 1989, p. 323).

O documento *De planctu ecclesiae* apresenta cento e dois “vícios e más ações” da mulher. O discurso misógino apresenta expressões sobre a mulher como: “fossa profunda”, “arma do diabo”, “adivinhas ímpias”, “ministro da idolatria”, “lamurienta”, “invejosa”, “insensata” (Pelayo *apud* Delumeau, 1989). Na obra *Malleus maleficarum* (1486), os inquisidores Heinrich Kramer e James Spranger apresentam fraquezas estereotipadas femininas. Segundo eles, a mulher é “crédula”, “impressionável”, “tagarela”, “inconstante”, “parecida com crianças”, mais carnal que o masculino, possui a fé mais fraca e é naturalmente mentirosa. Esse documento sinaliza a diabolização da mulher, resultado das reflexões clericais sobre o perigo das mulheres para os homens da Igreja (Delumeau, 1989).

A partir desses documentos, a caça às feiticeiras se tornava justificável. As classes médica e jurídica apoiavam o discurso e atestavam os documentos

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

e pareceres sobre as mulheres, fortalecendo o discurso misógino. Ao lado dos religiosos, os médicos afirmavam que a inferioridade biológica da mulher com relação aos homens. Para o monge-médico Rabelais (*apud* Delumeau, 1989), em sua obra *Tiers livre* (1546), a mulher não havia sido criada apenas para garantir a reprodução da espécie humana, mas também, para o "social deleite do homem", para o "consolo doméstico e a manutenção da casa". A mulher necessitava de proteção, boa educação e bons pais e, quando ela se casava, o marido deveria zelar por sua "pudicícia e virtude", saciando-a para que ela não procure outro (Delumeau, 1989).

De outro lado, o médico Jean Wier (*apud* Delumeau, 1989) defendia a indulgência das mulheres, principalmente as feiticeiras. Para ele, a mulher seria de temperamento "melancólico", "débil, frágil e mole", tendo natureza "imbecil" e "enferma". Para os médicos da Renascença, a mulher é um "macho mutilado e imperfeito", "uma imperfeição, quando não se pode fazer melhor". Ela era como uma aveia estéril em relação à cevada, uma condição imposta pela natureza que a colocou em uma posição de inferioridade tanto física quanto moral (Delumeau, 1989).

Nesse recorte histórico da Idade Média e início da Idade Moderna, a mulher se encontrava não somente nos tribunais jurídicos e eclesiásticos, mas nos tribunais das mentes dos homens. Os homens, isto é, os detentores do discurso dominante, não aceitavam a feiticeira. Ela era a mulher que se colocava fora do discurso. Ela excedia e transbordava o discurso do todo. A totalidade que se propõe no discurso social e dominante é a ordem, a lei e tudo o mais que se dimensiona dentro dos limites impostos. Esse discurso se faz como o verbo de Deus, a palavra que cria e, portanto, criou a mulher como secundária ao homem e é ali que ela deve se manter. O fato de a mulher feiticeira não se posicionar onde Deus ordenava tornava-se uma afronta, uma ação de Satã, por isso ela deveria morrer nos moldes das instituições medievais (Delumeau, 1989).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

2. O FEMININO NO DIVÃ

Adentrando a modernidade, os discursos protestante e católico foram se posicionando e a ascensão da burguesia estabeleceu a figura feminina perfeita que pudesse atender às necessidades sociais da época. A caça às feiticeiras não era mais necessária. As mulheres foram se adequando como mãe, esposa e cuidadora do lar. A maternidade passou a ser valorizada e as mulheres se colocaram nesse papel na busca por se sentirem figuras completas e perfeitas para o homem. A mulher viveria a plenitude de seu feminino se ela tivesse um esposo, pois ela só poderia ser considerada mulher se estivesse ao lado de um homem (Zanello, 2016).

Esse discurso poderia ter suprido as necessidades de completude de um ideal de perfeição da figura feminina, se não fossem as feiticeiras que não deixaram de existir, apesar de se apresentarem de outras formas. Na contemporaneidade elas já não eram conhecidas mais como feiticeiras. As mulheres que transbordavam o discurso social dominante eram aquelas que, de alguma maneira questionavam as regras de perfeição sobre a figura feminina e manifestavam o transbordamento do discurso de outra maneira. Elas foram conhecidas como histéricas, porque pareciam possuir alguma doença do útero, isto é, alguma doença do feminino que os discursos médico e científico não conseguiam abarcar.

Sigmund Freud (1856-1939) tentaria dar voz a esse transbordar do discurso social a partir da escuta sobre o sofrimento que acometia essas mulheres. Os sintomas histéricos se apresentavam de maneira traumática, convocando Freud a olhar para a mulher a partir desse transbordar que chegou à clínica pelo viés da palavra.

Na busca por compreender o que se passava com a mulher histérica, Freud (1905/2006) iniciou uma investigação sobre sexualidade humana. Ele desenvolveu pesquisas sobre a sexualidade infantil, concentrando-se na diferenciação entre o masculino e o feminino. Nesse sentido, apresentou as

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

teorias do Complexo de Édipo e Complexo de castração como etapas dessa constituição da sexualidade. Segundo Freud (1905/2006), o menino desenvolve a angústia da castração ao perceber a ausência de pênis na menina. A menina, por sua vez, reconhece a falta de um pênis em si mesma e experimenta um sentimento de inveja do pênis. Uma inveja que marca profundamente a psique feminina, influenciando tanto suas escolhas objetais quanto sua identidade.

Conforme as fases de constituição psicosexual desenvolvidas por Freud (1923/2006), a fase fálica desempenha um papel definidor tanto para a menina quanto para o menino. A inveja do pênis e o complexo de castração são os organizadores que determinam o acesso à sexualidade. Desta forma, a menina deixa o lugar de ativo - masculino - e abre espaço à passividade feminina.

Freud, no texto *Sexualidade Feminina* (1931/2006) afirma que as características psicológicas femininas não são inatas, mas são constituídas ao longo da infância, sendo moldadas na fase pré-edípica com a fixação da menina no objeto parental materno. Freud expõe sobre a importância do laço entre mãe e menina. Esse vínculo aponta para uma homossexualidade primária, marcada por um apego na relação. Entretanto, ao se deparar com a falta simbólica do pênis, essa relação passa a ser de hostilidade.

A total identidade da fase pré-edípica em meninos e meninas é reconhecida, e a atividade sexual (fálica) da menina para com a mãe é afirmada e substanciada por observações. O afastamento da mãe tem sua origem remontada à influência do reconhecimento de castração por parte da menina, fato que a obriga a abandonar seu objeto sexual (...) (Freud, 1931/2006, p. 249).

Freud (1931/2006) aponta para uma bissexualidade feminina a partir dessa constatação. A menina faz o movimento de deixar o objeto materno e direciona-se ao amor paterno para, em seguida, superar o complexo de Édipo. Freud (1933/2006) propõe que a menina, inicialmente identificada com a mãe,

passa por um movimento psíquico em que se afasta dessa identificação materna.

A hostilidade da menina com sua mãe faz com que ela se volte para o pai, desejando o reconhecimento deste. O conflito edípico na menina, então, assume um caráter diferente daquele vivenciado pelo menino, sendo menos marcado pelo medo da castração e mais pela busca de amor e reconhecimento paternal (Freud, 1933/2006).

A superação do complexo de Édipo na menina se dá na possibilidade de substituir o amor do pai pela maternidade. Freud (1933/2006) acredita que o bebê, principalmente do sexo masculino, acalenta o desejo da mulher de possuir o pênis.

O desejo que leva a menina a voltar-se para o pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis (...) (Freud, 1933/2006, p. 126).

Freud (1933/2006) escreve sobre a evolução psicosssexual feminina baseando-se na psicosssexualidade masculina. Ele destaca as diferenças dessa posição entre os sexos, especialmente no complexo de Édipo feminino. A inveja do pênis e o complexo de castração são os elementos que organizam e marcam o desenvolvimento da feminilidade. A menina assume a posição de passividade, realizando-se ao se tornar mãe.

Ainda que a questão da feminilidade tenha sido bastante trabalhada, Freud (1933/2006) afirma que não conseguiu esgotar o conceito de feminino e reconhece ser a mulher um enigma. Assim, conclui que seus escritos traçaram um caminho sobre a feminilidade, no entanto, reconhece que esse tema ficou “incompleto e fragmentário” (Freud, 1933/2006, p. 134).

André (1986) expõe que a questão sobre a feminilidade e o que significa ser uma mulher continua sendo apresentada como uma questão por excelência,

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

em que não há uma resposta como quando se trata de saber o que é o homem. As observações puramente biológicas sobre o corpo humano, como as diferenças entre os órgãos genitais, não são centrais para entender o conceito de diferença sexual. Ou seja, o que Freud apresentou não está nas características físicas em si, mas na maneira como essas diferenças são simbolizadas e interpretadas no nível psíquico.

3. O FEMININO E O DISCURSO DO MESTRE

Lacan (1969/1992) avança um tanto mais que Freud na tentativa de compreender a posição do feminino. Ele apresenta uma estrutura de discursos como modos de utilização da linguagem *sem palavras* necessários na organização dos laços sociais. Os modos de funcionamento desses discursos contribuem para se entender a posição do feminino. Os quatro discursos desenvolvidos são o discurso do mestre, do universitário, da histérica e do analista. Lacan (1969/1982) acrescentou, mais tarde, o discurso do capitalista. As estruturas dos discursos se posicionam em quatro lugares e utilizam-se de quatro elementos (S_1 , S_2 , \$, a). Esses discursos têm movimento cíclico, podendo atuar nas quatro posições: a posição de agente que é quem organiza o discurso; a posição do outro que é de recepção desse discurso; a posição da produção que consiste nos efeitos desse discurso e a posição da verdade desse discurso que, para Lacan (1969/1992) é o lugar onde sempre escapa algo. A verdade não é absoluta, há sempre um resto, um rastro.

Aqui tomar-se-á o discurso da histérica e o discurso do mestre para fundamentar o que se propõe nesse trabalho quanto ao lugar ou não-lugar do feminino. O discurso do mestre (S_1) consiste no discurso já posto, em que reside o significante mestre.

S_1 é aquele que deve ser visto como interveniente (...). Isto se estabelece primeiro nesse momento em que S_1 vem representar alguma coisa por sua intervenção no campo definido, no ponto em

que estamos, como o campo já estruturado de um saber (Lacan, 1969/1992, p. 11).

Lacan (1969/1992) retoma a dialética do senhor e do escravo desenvolvida por Hegel para demonstrar o discurso do mestre. Nessa dialética, o senhor é aquele que se apresenta nessa posição de saber, mas há um saber do escravo em movimento e é por esse saber que as situações se articulam e acontecem. Nesse sentido, o senhor representa o mestre (significante S_1) que é quem possui a palavra de comando e o suposto saber. O escravo é aquele quem recebe o comando e quem executa esse saber por meio da prática (significante S_2). O mestre está em posição de ignorância desse saber operante, posto que representa o discurso que está colocado, porém não é quem o pratica. O mestre possui o discurso de quem governa. Assim sendo, o mestre é aquele que se beneficia dos resultados sem ser quem o pratica. O matema desenvolvido por Lacan pode ser demonstrado nesta figura:

$$\begin{array}{ccc}
 \text{agente} & & \text{Outro} \\
 \frac{S_1}{\$} & \rightarrow & \frac{S_2}{a} \\
 \text{verdade} & & \text{produção}
 \end{array}$$

Figura 1. O discurso do mestre (Lacan, 1969/1992).

Lacan (1969/1992) estabeleceu uma ligação entre o saber totalizante (do mestre) e a política. A política parece sempre ter procurado uma imagem de totalidade que se representa através do corpo político, isto é, como um organismo completo e coeso. A política tem, portanto, a tendência de tentar abarcar o conhecimento num todo satisfatório, numa imagem que procura estabilidade e unidade. No entanto, este discurso totalitário apresenta uma problemática porque a satisfação e completude acabam por criar um fechamento em si que impede o progresso e a descoberta.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

O que serve bem para mostrar o quão pouco pesa a incidência das escolas é o fato de que a ideia de que o saber possa constituir uma totalidade é, por assim dizer, imanente ao político como tal. Sabe-se disso há muito tempo. A ideia imaginária do todo tal como é dada pelo corpo - como baseada na boa forma da satisfação, naquilo que, indo aos extremos, faz esfera, foi sempre utilizada na política, pelo partido da pregação política (Lacan, 1969/1992, p. 29).

O saber visto como totalidade vem da ideia de corpo, como o funcionamento do organismo biológico, inteiro e completo. No entanto, o discurso não se dá no campo do biológico, do real. A articulação do discurso está no campo simbólico. A articulação entre S_1 e S_2 no discurso do mestre possibilita o surgimento da cadeia de significação. O outro (S_2) constitui o saber que acompanha e organiza a cadeia simbólica do discurso. Lacan (1969/1992) utiliza o termo *produção* para dizer do efeito desse discurso. E, finalizando o matema do discurso, há a *verdade*. É a verdade quem sustenta o discurso, no entanto, o que está acessível como verdade é um quase dito. A verdade não é toda. Algo escapa, algo está para além do dito e, por isso, Lacan aponta que há uma interdição entre a produção e a verdade.

O discurso do mestre inscrito no saber se apresenta como discurso totalizante e completo. Ainda que, na produção do discurso algo da suposta verdade escape, esse discurso se posiciona no lugar do poderio condicionante, da posição fálica. No entanto, essa posição supostamente inquestionável é provocada por outro discurso insatisfeito com o saber: o discurso histórico. A histórica (ou aquele que possui um discurso histericizado) se inscreve como aquela que provoca o desejo de saber no outro, particularmente naquele que se apresenta como mestre. O discurso da histórica é, para Lacan (1969/1992), o discurso que questiona e faz transparecer o *furo* no discurso do mestre. O matema do discurso da histórica se apresenta nesta figura:

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Figura 2. O discurso histérico (Lacan, 1969/1992).

Lacan (1969/1992) menciona que, no discurso da histérica, o sujeito está barrado (\$) porque não é claramente compreendido. O sujeito barrado é o sujeito dividido, incompleto, que está em falta em relação ao saber. A histérica ocupa essa posição de sujeito barrado, na medida em que é uma figura que está em constante busca pelo conhecimento e validação, por querer saber sobre si mesma e sobre qual é a posição do feminino. O \$ representa essa falta estrutural no sujeito.

Seja como for, para dar uma fórmula mais ampla ao localizá-la no plano da relação homem-mulher, digamos que, lendo apenas o que inscrevi ali quanto ao discurso da histérica nem sempre sabemos o que é esse \$. Mas, se é de seu discurso que se trata, e se esse discurso é o que possibilita que haja um homem motivado pelo desejo de saber, trata-se de saber o quê? - que valor ela tem, essa pessoa que está falando. Porque, como objeto a, ela é queda, queda do efeito do discurso, por sua vez quebrado em algum ponto (Lacan, 1969/1992, p. 32).

No discurso da histérica, o sujeito é sempre dividido e fragmentado havendo uma queda - que Lacan denomina objeto a - que acontece como aquilo que escapa ao discurso. Essa queda refere-se à falha, à ruptura inevitável no discurso que não o torna completo e totalizante (Lacan, 1969/1992).

Conforme Lacan (1969/1992), a interrupção ou fragmentação do discurso que apresenta ser incompleto e insatisfatório do saber, pode ser interpretado como uma metáfora. Isso diz sobre o modo como a histérica interage com o outro, não apenas buscando respostas, mas também gerando uma tensão, provocando no outro o confronto com suas próprias lacunas do saber. Esse saber, no entanto, não se refere apenas a um conhecimento

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

objetivo, mas a um questionamento do valor de si mesma a partir do valor que é dado ao mestre.

O que a histórica quer que se saiba é, indo a um extremo, que a linguagem derrapa na amplidão daquilo que ela, como mulher, pode abrir para o gozo. Mas não é isto que importa à histórica. O que lhe importa é que o outro chamado homem saiba que objeto precioso ela se torna nesse contexto de discurso (Lacan, 1969/1992, p. 32).

O que a histórica pretende não é apenas saber algo, mas também saber o que o outro pensa dela, qual é o seu valor. Isso traz à tona uma questão fundamental sobre o valor da pessoa que fala, especialmente no contexto do seu discurso (Lacan, 1969/1992).

Lacan (1969/1992) afirma que, por ter a posição fálica - a posição do discurso do mestre - como a referência de poder, ou melhor de poder ser, a mulher histórica tende a desejar ocupar o lugar do mestre. André (1986) abrange o tema afirmando que, na tentativa de ser ou se posicionar no discurso do mestre, a mulher tenderá a abandonar o lugar de sujeito e questionadora do saber para assumir o papel de causadora do desejo no homem. A submissão e a passividade são historicamente apresentadas como atributos femininos. Este lugar de objeto implica uma posição de subordinação e, até certo ponto, de rebaixamento, que exige um certo nível de dessubjetivação. A mulher questiona o discurso do mestre, porém, não sustenta um novo discurso porque isso implicaria em se posicionar num lugar masculino, que ela não se identifica ou um novo lugar que ela mesma não sabe qual é. Em todo esse percurso realizado até aqui, podemos questionar: precisaria a mulher ter um único lugar? Será necessário à mulher se posicionar como objeto para ser feminina? A mulher poderá se sentir plena em algum lugar no discurso do mestre?

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

4. O FEMININO E A SUBJETIVIDADE

O discurso da histérica “tem por função demonstrar que o mito edipiano e a lógica fálica desconhecem a existência da mulher como tal” (André, 1986, p.14). No caso Dora, escrito e trabalhado por Freud, a posição da histérica era “um culto à feminilidade misteriosa encarnada no corpo da Sra. K” (André, 1986, p.14). O corpo se torna a questão. A mulher não quer ser o objeto de desejo do outro, ela deseja, em última instância, saber quem ela é, qual é o objeto de seu desejo, e saber a respeito da feminilidade (André, 1986).

A questão da histérica se coloca como um protesto em nome da mulher contra esse sujeito barrado que não lhe permite saber o que é a mulher. A falta de uma identidade feminina pode ser observada em toda mulher. Na busca por encontrar um lugar, um posicionamento na linguagem, a mulher tenta se colocar de algumas maneiras. Ao tentar encontrar uma relação plena entre masculino e feminino investe em projetos que tentam *reparar* o outro, o que pode ser entendido como uma tentativa de reconstruir ou corrigir uma falta percebida no mundo externo e na própria imagem corporal. Essa mulher, nessa busca, se dedica ao outro — ou seja, ao desejo e às necessidades dos outros — tornando-se seu objeto. A referência à inveja da outra mulher, como no caso de Dora, por exemplo, apresenta uma figura feminina idealizada, que ela sente não poder ser ou que não pode alcançar. Nessa dinâmica, a mulher age sempre para os outros com dificuldades de escolher e ser por si mesma. Nesse lugar de busca de identidade e validação, a mulher se coloca em lugar de heroísmo, de força, de coragem. O lugar de incentivo a dar conta de todas as tarefas pode representar a tentativa da mulher de ser toda, de se abarcar no discurso, lugar de pertença e supostamente de perfeição (André, 1986).

No entanto, a mulher não pode ser toda. Lacan (1975/1985) apresenta o feminino como esse lugar da ausência de significante. A mulher está sempre em busca de um significante para si, colocando-se naquilo que o discurso do mestre a nomeia: a mulher como a culpada por comer o fruto proibido. Ela

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

quem é a insatisfeita, que deseja, que propõe uma nova verdade, propõe a possibilidade de comer o fruto do conhecimento. Ela é nomeada diante daquilo que ela não é. A mulher é não-toda submetida à castração. No entanto, não há um conjunto de mulheres que determine o que é a mulher. Há um vazio, uma falta.

Isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto o que o define a... a o quê? - a mulher justamente, só que A mulher (...). Não há A mulher pois (...) por sua essência ela não é toda (Lacan, 1975/1985, p. 98).

Há algo a mais que faz a mulher ser a feiticeira, o mistério, aquela que pode dar conta de muitas tarefas ou pode não querer fazer nada. Ela é a mãe, aquela que sabe dar o cuidado, acolher, nutrir. Ela é a carne, o corpo, aquela que está próxima da terra, da finitude, da morte, portanto, do real. Por estar nesse não-lugar ela incomoda, ela faz medo, porque não pode ser dominada. Ela é livre para ser algo mais. Ela não se limita ao significante porque ela habita no real, onde não se pode nomear.

O caminho para que as mulheres se percebam como subjetividade pode passar por esse viés. Ser sujeito é poder escolher ser o que deseja ser, sabendo-se ser de falta, de ausência e, ainda assim, ser si mesma. Ainda é preciso dar passos nessa construção da subjetividade. Há mulheres no plural porque cada uma é em si o que só ela mesma pode ser e desejar. E é nesse contexto que se pode afirmar a importância das manifestações da luta feminista para conscientizar as mulheres sobre sua subjetividade.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de feminino na psicanálise não pode ser esgotado nesse artigo. Há muito que se explorar para que se possa construir possibilidades das mulheres se posicionarem como sujeito. Esse artigo pretendeu delinear o feminino trazendo significantes que despontaram como um incômodo na ordem supostamente estabelecida na linguagem do simbólico - leia-se tudo o que se insere nesse contexto: cultura, política, saberes, instituições. Propusemo-nos apresentar o significante da feiticeira (ou bruxa) para indagar o quanto a mulher pode ser um incômodo um tanto quanto confuso numa ausência de definição quando ela se apresenta diferente daquilo que se propõe para um objeto pertencente a um sujeito. Delumeau (1989) explora como a imagem da mulher foi associada ao perigo e ao pecado, especialmente através da figura da feiticeira, que representava uma ameaça ao controle social e religioso. Essa construção foi reforçada pela Igreja e pelo Estado, que perpetuaram o estereótipo da mulher como sedutora e pecadora, uma influência satânica.

O medo da mulher foi a maneira encontrada para sufocar qualquer expressão feminina, submetendo as mulheres a uma posição, uma única forma de expressão que não ameaçasse o poder: seguir o modelo da Virgem Maria como o ideal de pureza e obediência. O discurso de inferioridade feminina foi sustentado também pela Medicina e Direito, cujos profissionais reforçavam a ideia de que as mulheres eram biológica e moralmente inferiores aos homens. Um discurso imposto na Idade Média se manteve pela Idade Moderna, sufocando qualquer expressão que atentasse à ordem do masculino.

No entanto, aquilo que foi sufocado na mulher esvaiu-se de outra forma. Freud investigou o sofrimento das mulheres através dos sintomas histéricos, iniciando sua pesquisa sobre a sexualidade humana e propondo teorias como o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração para explicar a formação psicosssexual. Segundo ele, o desenvolvimento feminino foi marcado pela

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

"inveja do pênis" (por não poder ser ou se expressar como o masculino). Freud, em sua construção teórica, tinha como referencial o discurso imposto da cultura, tentando descrever a posição feminina conforme os contornos do discurso dominante. No entanto, ao final de seu percurso, reconhece que sua compreensão do feminino estava incompleta, destacando o mistério envolvido nessa questão.

Lacan avança na compreensão da posição feminina ao desenvolver uma teoria sobre estruturas de discursos, os quais organizam os laços sociais sem o uso explícito de palavras. Lacan relaciona o saber totalizante do discurso do mestre à política, que busca uma imagem de totalidade, simbolizada pelo *corpo político* como organismo coeso e completo. Esse ideal de totalidade, porém, leva à estagnação, pois a completude impede a inovação e a descoberta. O discurso do mestre, com sua pretensão de completude e poder, é desafiado pelo discurso da histérica, que provoca o desejo de saber e expõe as falhas do discurso totalizante do mestre, questionando sua autoridade e revelando suas limitações.

O discurso da histérica questiona a lógica fálica e o mito edipiano, afirmando que eles ignoram a existência da mulher como sujeito completo. A mulher deseja entender sua própria feminilidade, não apenas ser objeto de desejo alheio. Essa busca por identidade leva a mulher a ocupar espaços onde tenta reparar o outro, projetando no mundo externo a busca por completude que lhe falta internamente. A mulher idealiza outras figuras femininas, mas enfrenta dificuldades em se afirmar.

A partir desse estudo do discurso é que Lacan contribuiu para que pudéssemos pensar na saída da mulher de posição de objeto no discurso para uma subjetividade. Lacan considera o feminino como um lugar de ausência de significante; a mulher não pode ser *toda* e não há uma definição universal de *ser mulher*. Ela são muitas, representa tanto o cuidado quanto o mistério e o desafio à ordem do discurso do mestre. A mulher pode ser a feiticeira, a louca, a histérica, a mãe, a filha, a casada ou solteira, a divorciada, a empresária ou



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

funcionária, a expressiva ou tímida, a prostituta, a sedutora ou quem quer que ela se nomeie. A questão que se coloca é a de que a nomeação deve ser dada por ela mesma a partir do posicionamento de ser sujeito, portanto, não inteira, não completa, não-toda e ainda assim, desejante.

WITCHES, HISTERICIS, THEM: FEMININE PATH BEYOND DISCOURSES

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of the path of the feminine in the symbolic order, from the perspective of History and psychoanalysis. The main objective is to understand how the social and historical construction of femininity shapes women and inserts them into specific positions in social discourse. The research analyzes the construction of femininity in the Middle Age, symbolized by the figure of the witch. It then presents femininity from Freud's psychoanalytic theory, tracing a path that allows the question of the witch or the hysterical woman to be presented as a search for understanding the feminine and how it was and has been represented. In this sense, the discourse of the hysteric is exposed as a possible denunciation of a hole in the Discourse of the Master. From this hole, new possibilities for female subjectivity emerge beyond the discourses that confine it within the tenuous terms of language.

Keywords: Feminine. Witch. Hysterical. Discourse. Subjectivity.

REFERÊNCIAS

Altoé, A. P. A misoginia medieval reinventada: a aversão ao feminino na sociedade brasileira de defesa da tradição, família e propriedade (TFP). **Projeto História** : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 63, 2018.
Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/40643>.
Acesso em: 3 de setembro de 2024.

André, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Carneiro, C. A. e Lazzarini, E. R. Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade. **Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 32(2), 203-215, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/ressource/pt/psa-4940>. Acesso em: 03 de setembro de 2024.

Delumeau, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Freud, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade** (1905). Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Freud, Sigmund. **Sexualidade feminina** (1931). In: O Futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Freud, Sigmund. **A Feminilidade** (1933). In: Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Gil, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

Lacan, Jacques. **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

Lacan, Jacques (1972-73) **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Lakatos, E. M., e Marconi, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

Pires, João D. A. Misoginia medieval: a construção da justificação da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original. Assis: **Faces da História**, v.3, n.1, p. 128-142, jan.-jun., 2016.

Zanello, Valeska; PORTO, Madge.Brasil. **Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a Psicologia**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2016.